ISSN: 2358-8829
ISSN: 2358-8829

MOVIMENTO E ACOLHIMENTO: PRÁTICAS LÚDICAS E ESPORTIVAS PARA CRIANÇAS COM TEA COMO APOIO AO CUIDADO FAMILIAR

Cristiane Pereira de Oliveira[1]
Yasmin de Melo Araújo[2]
Alizane Ramalho de Sousa Aniceto [3]

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento marcada por diferentes formas de comunicação, interação e processamento de experiências, com necessidades de apoio heterogêneas. A oferta de oportunidades de movimento e convivência deve reconhecer essa diversidade, evitar práticas padronizadas e favorecer a participação em atividades significativas. A Lei nº 12.764/2012 reconhece direitos das pessoas autistas e reforça a necessidade de ações inclusivas, enquanto a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) estabelece princípios de acessibilidade e participação social.

A inclusão, contudo, não se restringe à pessoa autista considerada isoladamente. Famílias que acompanham rotinas escolares, terapêuticas e sociais podem enfrentar dificuldades para acessar espaços de escuta e convivência. O cuidado familiar envolve dimensões afetivas, organizacionais e materiais que precisam ser reconhecidas por iniciativas comunitárias. No contexto de Boa Vista, Roraima, o Grupo de Ajuda Mútua (GAM): Cuidando de Quem Cuida, realizado pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR), Campus Boa Vista, em parceria com a Associação União de Pais e Pessoas Autistas de Roraima (UPPARORAIMA), constitui um espaço de acolhimento e intercâmbio de experiências.

Nesse ambiente foi desenvolvido o projeto de iniciação científica “Movimento e Acolhimento: Práticas Lúdicas e Esportivas para Crianças com TEA como Apoio ao Cuidado Familiar”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), Campus Boa Vista, com execução prevista de setembro de 2025 a agosto de 2026. A proposta associou atividades físicas, esportivas, lúdicas e recreativas adaptadas para crianças e

[1] Doutoranda da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC/UEA), cristiane.oliveira@ifrr.edu.br;
[2] Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Roraima – Campus Boa Vista (IFRR-CBV), hadassayasmin64@gmail.com;
[3] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Ciências da Saúde (Procisa/UFRR), alizane.sousa@ifrr.edu.br.

ISSN: 2358-8829

adolescentes autistas a encontros simultâneos de escuta, orientação e apoio para familiares cuidadores. A articulação é relevante porque a participação de um cuidador em uma roda de conversa depende, frequentemente, da existência de condições concretas e seguras de acompanhamento de seu filho ou familiar.

O objetivo geral deste estudo foi investigar os impactos de atividades físicas, lúdicas e recreativas adaptadas para crianças e adolescentes com TEA, articuladas a espaços de acolhimento para seus familiares.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem mista, de caráter descritivo e avaliativo, buscando compreender as contribuições das práticas corporais, lúdicas e recreativas adaptadas para crianças e adolescentes autistas, associadas às ações de acolhimento e apoio aos seus familiares. Participaram das atividades crianças e adolescentes autistas, seus familiares e responsáveis, acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Licenciatura em Ciências Biológicas do IFRR, além de voluntários da UPPARORAIMA, que colaboraram no planejamento, na organização e na execução das ações.

Os encontros foram estruturados em dois eixos de atuação simultâneos e complementares. O primeiro foi direcionado às crianças e aos adolescentes autistas, contemplando brincadeiras dirigidas, jogos cooperativos, circuitos motores, atividades esportivas adaptadas e dinâmicas de socialização. As práticas foram organizadas considerando as particularidades dos participantes, seus diferentes ritmos, interesses e necessidades de apoio, buscando favorecer a participação, a interação social, a coordenação motora e a construção de vínculos. O segundo eixo foi destinado aos familiares e responsáveis, por meio de rodas de conversa, momentos de escuta e acolhimento, compartilhamento de experiências e orientações relacionadas ao TEA e aos desafios cotidianos do cuidado, visando fortalecer as redes de apoio e proporcionar espaços de convivência e suporte emocional.

A pesquisa foi executada no período de 1º de setembro de 2025 a 30 de agosto de 2026, por meio de encontros presenciais quinzenais, integrados às ações do Grupo de Ajuda Mútua (GAM): Cuidando de Quem Cuida.

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionário de avaliação, registros de observação das atividades, anotações em diário de campo e relatos dos familiares e voluntários. Esses materiais possibilitaram reunir informações sobre a participação das crianças e dos adolescentes nas atividades propostas, suas interações durante as práticas, as

ISSN: 2358-8829

percepções dos familiares acerca do acolhimento recebido e a avaliação das ações desenvolvidas ao longo da pesquisa.

A avaliação do questionário contou com 23 respondentes, cujas respostas permitiram identificar o grau de satisfação em relação à organização dos encontros, aos conhecimentos compartilhados, às atividades realizadas e à disposição para recomendar o projeto a outras famílias. Os dados quantitativos foram organizados e analisados por meio de estatística descritiva, utilizando frequências absolutas e relativas, expressas em percentuais e apresentadas em tabelas e gráficos.

Os dados qualitativos, provenientes dos registros de observação, diários de campo e relatos dos participantes, foram examinados de maneira descritiva e interpretativa, buscando identificar aspectos recorrentes relacionados à inclusão, à socialização, ao engajamento nas atividades, ao acolhimento familiar, ao fortalecimento das redes de apoio e à formação acadêmica dos estudantes envolvidos. A interpretação considerou as convergências e divergências entre as diferentes fontes de informação, permitindo compreender as contribuições percebidas e os desafios identificados durante a execução das ações.

Quanto aos aspectos éticos, foram adotados procedimentos voltados à proteção da identidade, à privacidade e ao respeito às particularidades dos participantes. Foram utilizados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), destinado aos responsáveis legais, e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), destinado às crianças e aos adolescentes, considerando suas condições individuais de compreensão, comunicação e manifestação de vontade. Os dados foram tratados de forma confidencial, preservando-se a identidade dos participantes.

Dessa forma, a articulação entre os dados quantitativos e qualitativos possibilitou uma análise contextualizada das ações desenvolvidas, considerando tanto a avaliação dos participantes quanto os registros produzidos ao longo dos encontros. Os resultados foram interpretados como evidências descritivas e percepções sobre as contribuições do projeto, sem estabelecer relações diretas de causalidade entre as atividades realizadas e possíveis mudanças no desenvolvimento das crianças e adolescentes autistas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, associadas a padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades. A expressão

ISSN: 2358-8829

"espectro" evidencia a heterogeneidade das manifestações e das necessidades de apoio, que podem variar significativamente entre os indivíduos. Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua versão revisada (DSM-5-TR), o TEA apresenta três níveis de suporte, definidos considerando as necessidades relacionadas à comunicação social e aos comportamentos restritos e repetitivos. Essa classificação não elimina as particularidades individuais, sendo necessário compreender as diferentes condições de participação e desenvolvimento das pessoas autistas (American Psychiatric Association, 2022).

O diagnóstico do TEA fundamenta-se na avaliação clínica do desenvolvimento e do comportamento, considerando informações obtidas por meio de entrevistas com familiares, observações profissionais e instrumentos específicos de avaliação. A identificação das necessidades de apoio possibilita o planejamento de intervenções individualizadas e a organização de estratégias educacionais que considerem as características de cada criança. Entretanto, a compreensão do TEA não deve restringir-se aos aspectos diagnósticos, pois as condições de desenvolvimento e participação também são influenciadas pelas oportunidades oferecidas nos ambientes familiares, educacionais e comunitários. Nesse sentido, a perspectiva apresentada por Karst e Van Hecke (2012) reforça a necessidade de considerar as relações entre as características da criança, a dinâmica familiar e as condições de acesso aos serviços e às intervenções.

O impacto das demandas relacionadas ao TEA ultrapassa a dimensão individual, alcançando a organização e o funcionamento das famílias. As necessidades de acompanhamento terapêutico, educacional e social podem exigir reorganização das rotinas, disponibilidade de tempo e recursos financeiros, além de adaptações nas relações familiares. Karst e Van Hecke (2012), em revisão sobre os impactos do autismo na família, destacam que as demandas de cuidado podem estar associadas ao aumento do estresse parental e a dificuldades relacionadas ao bem-estar físico e emocional dos cuidadores. Os autores também ressaltam a importância de considerar os efeitos das intervenções sobre a família, uma vez que resultados positivos relacionados à criança não significam, necessariamente, redução das dificuldades enfrentadas pelos responsáveis.

A sobrecarga emocional dos familiares cuidadores constitui uma dimensão relevante nas pesquisas sobre o TEA. Hayes e Watson (2013), em metanálise que comparou o estresse parental entre famílias de crianças autistas e outros grupos familiares, identificaram níveis significativamente mais elevados de estresse entre pais e responsáveis por crianças com TEA. No contexto brasileiro, Christmann *et al.* (2023), ao investigarem estresse, apoio social, crenças e práticas parentais de mães de crianças autistas, contribuíram para ampliar a discussão sobre

ISSN: 2358-8829

as relações entre as demandas do cuidado e os recursos de suporte disponíveis. Esses estudos evidenciam a necessidade de compreender o bem-estar dos cuidadores como parte das ações de inclusão, reconhecendo que as famílias também necessitam de orientação, acolhimento e oportunidades de cuidado.

Nesse cenário, as redes de apoio social e os grupos de ajuda mútua apresentam relevância como estratégias de fortalecimento das relações familiares e comunitárias. Lee *et al.* (2024), em revisão da literatura sobre apoio entre pais de crianças autistas, identificaram experiências de suporte fundamentadas no compartilhamento de conhecimentos, orientações práticas e apoio emocional entre famílias que vivenciam situações semelhantes. Os autores destacam que essas iniciativas podem representar importantes recursos de apoio, especialmente em contextos marcados por dificuldades de acesso a serviços especializados. Dessa forma, rodas de conversa e encontros coletivos constituem espaços potencialmente favoráveis à escuta, à construção de vínculos e ao fortalecimento do sentimento de pertencimento, embora seus efeitos sobre a saúde emocional precisem ser avaliados por instrumentos adequados.

A relevância do acolhimento familiar também é evidenciada em estudos que investigam intervenções destinadas à saúde mental de pais e responsáveis por crianças com TEA. Mo *et al.* (2024), em revisão sistemática com metanálise em rede, analisaram 69 estudos envolvendo 4.213 pais e identificaram resultados favoráveis de diferentes intervenções sobre indicadores de estresse parental, ansiedade e depressão, com variações conforme a modalidade utilizada. Os autores destacaram os benefícios de intervenções baseadas em atenção plena (*mindfulness*), terapia cognitivo-comportamental e estratégias psicoeducativas, reforçando a importância de iniciativas direcionadas ao bem-estar emocional dos cuidadores. Esses achados demonstram a importância de iniciativas direcionadas especificamente aos cuidadores, mas também indicam que diferentes estratégias de apoio não devem ser consideradas equivalentes em termos de eficácia. Assim, grupos de convivência e acolhimento, como o Grupo de Ajuda Mútua: Cuidando de Quem Cuida, podem ser compreendidos como experiências comunitárias de suporte, cuja contribuição deve ser examinada considerando seus objetivos, características e resultados efetivamente observados.

Paralelamente às necessidades familiares, a literatura científica destaca a importância das práticas corporais e das atividades físicas adaptadas para crianças e adolescentes com TEA. Bremer, Crozier e Lloyd (2016), em revisão sistemática sobre intervenções com exercícios físicos, identificaram resultados promissores relacionados a aspectos comportamentais, atenção, cognição e funcionamento socioemocional, considerando diferentes modalidades de atividades. Mais recentemente, uma revisão sistemática publicada em 2024, envolvendo 19

ISSN: 2358-8829

estudos de intervenção, identificou resultados positivos em parte das pesquisas que avaliaram cognição, comportamento e habilidades motoras de crianças e adolescentes autistas. Entretanto, a diversidade dos programas, das características dos participantes e dos instrumentos utilizados exige cautela na generalização dos resultados, reforçando a necessidade de propostas individualizadas e avaliações contextualizadas.

As atividades lúdicas e esportivas também podem favorecer oportunidades de interação social e comunicação, especialmente quando organizadas em ambientes acessíveis e mediados por profissionais ou voluntários capacitados. Kou *et al.* (2024), em revisão sistemática com metanálise em rede, analisaram diferentes modalidades de exercícios físicos e identificaram resultados favoráveis à sociabilidade e à comunicação de crianças e adolescentes com TEA, com destaque para jogos esportivos, atividades coletivas e exercícios realizados ao ar livre. De maneira complementar, Qi *et al.* (2024), em metanálise de 17 estudos, identificaram efeito estatisticamente significativo das intervenções com atividades físicas sobre indicadores de comunicação social, ressaltando, contudo, a necessidade de novas investigações para esclarecer sua relevância clínica. Esses resultados oferecem fundamentos para o planejamento de práticas corporais que valorizem a cooperação, o engajamento e a participação social.

Apesar das contribuições identificadas na literatura, a organização de programas inclusivos requer atenção às particularidades sensoriais, comunicacionais e comportamentais dos participantes, bem como às condições de acesso das famílias. As atividades físicas não devem ser compreendidas exclusivamente como intervenções voltadas à modificação de comportamentos, mas também como experiências educativas, recreativas e sociais capazes de ampliar oportunidades de convivência. Nesse sentido, a integração entre práticas corporais adaptadas e apoio familiar representa uma possibilidade de atuação interdisciplinar que considera simultaneamente as necessidades das crianças e de seus cuidadores. A articulação entre essas dimensões encontra respaldo nas discussões de Karst e Van Hecke (2012), Lee *et al.* (2024) e Kou *et al.* (2024), embora ainda sejam necessárias investigações específicas sobre os resultados de programas comunitários que combinem essas diferentes estratégias.

Diante desse contexto, a pesquisa fundamenta-se na compreensão de que a inclusão social e o cuidado familiar constituem dimensões complementares. Desenvolvida no Instituto Federal de Roraima – Campus Boa Vista, em parceria com a Associação União de Pais e Pessoas Autistas de Roraima, a iniciativa articulou atividades lúdicas, recreativas e esportivas adaptadas para crianças e adolescentes com TEA e encontros simultâneos de escuta, acolhimento e compartilhamento de experiências entre familiares cuidadores. A proposta também possibilitou a participação de estudantes de licenciatura e voluntários, aproximando a

ISSN: 2358-8829

formação acadêmica das demandas comunitárias. Fundamentada nas evidências sobre atividade física adaptada, estresse parental e redes de apoio, a pesquisa buscou compreender as contribuições percebidas dessas ações para a participação das crianças, o fortalecimento dos vínculos familiares e a construção de práticas inclusivas, sem pressupor efeitos terapêuticos ou clínicos não demonstrados pelos instrumentos de avaliação utilizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos materiais coletados durante o desenvolvimento da pesquisa permitiu compreender diferentes dimensões relacionadas à participação das crianças e adolescentes autistas, ao acolhimento dos familiares cuidadores e à formação acadêmica dos estudantes envolvidos nas atividades. Os resultados foram organizados a partir das avaliações dos participantes, dos registros das práticas corporais e lúdicas, dos relatos sobre as experiências de acolhimento e das observações referentes aos desafios e às possibilidades de continuidade das ações. Essa perspectiva de análise considera que as iniciativas inclusivas devem contemplar não apenas as necessidades individuais das crianças, mas também as condições de participação e bem-estar de seus familiares, conforme discutem Karst e Van Hecke (2012), ao destacarem a importância de compreender os impactos do TEA sobre a dinâmica familiar e a necessidade de intervenções que considerem o contexto social dos cuidadores.

Os resultados quantitativos, provenientes do formulário de avaliação do GAM, aplicado em 2025, evidenciaram uma percepção predominantemente positiva das ações desenvolvidas. O questionário contou com 23 respondentes, sendo 73,9% participantes, 17,4% voluntários e 8,7% integrantes da equipe organizadora. Em relação à avaliação geral, 21 respondentes (91,3%) atribuíram nota máxima, enquanto dois (8,7%) concederam nota 4. Quanto à organização dos encontros e às informações compartilhadas, 22 participantes (95,7%) atribuíram nota máxima. Além disso, todos os respondentes (100%) afirmaram que recomendariam o projeto a outras pessoas. Esses resultados demonstram elevado grau de satisfação com as atividades realizadas, embora representem percepções dos participantes e não indicadores diretos de efetividade clínica ou de mudanças mensuráveis no desenvolvimento das crianças e na saúde emocional dos cuidadores.

Tabela 1. Avaliação da satisfação dos participantes com as ações do GAM, 2025.

Indicador	Resultado
Avaliação geral: nota 5	91,3% (21)
Avaliação geral: nota 4	8,7% (2)

ISSN: 2358-8829

Organização: nota 5	95,7% (22)
Informações compartilhadas: nota 5	95,7% (22)
Recomendariam o projeto	100% (23)
Tempo de realização: nota 5	73,9% (17)

Fonte: elaboração das autoras com base no formulário de avaliação do GAM (2025).

Os resultados de satisfação aproximam-se das discussões de Oliveira *et al*. (2024), que apresentam o GAM como uma iniciativa de apoio e acolhimento às famílias de pessoas autistas, e de Lee *et al.* (2024), que destacam a relevância das redes de apoio parental para o compartilhamento de experiências e informações. Entretanto, a avaliação do tempo de realização apresentou menor percentual de notas máximas (73,9%), sendo identificadas, nas respostas abertas, solicitações de encontros mais frequentes e prolongados. Esses dados indicam que a satisfação com a proposta coexistiu com a necessidade de ampliação das ações, considerando as demandas cotidianas das famílias discutidas por Prychodco e Bittencourt (2022).

No desenvolvimento das práticas corporais, foram realizados jogos, brincadeiras, circuitos motores e atividades esportivas adaptadas, considerando as características e necessidades dos participantes. Os registros de familiares e voluntários mencionaram oportunidades de interação entre pares, engajamento nas atividades, comunicação, coordenação motora e convivência. Esses achados dialogam com Bremer, Crozier e Lloyd (2016), que identificaram resultados promissores de intervenções com exercícios físicos sobre aspectos comportamentais e socioemocionais de crianças e adolescentes autistas. Rossi Andrion *et al.* (2021) também ressaltam a importância de práticas pedagógicas adaptadas que ampliem a participação de estudantes com TEA, valorizando suas particularidades e possibilidades de interação.

Entre os depoimentos, uma voluntária relatou que algumas crianças, inicialmente com dificuldade para permanecer por aproximadamente 15 minutos no mesmo ambiente das demais, passaram, após um período de convivência, a participar das brincadeiras durante todo o encontro. Essa experiência sugere mudanças percebidas nas condições de permanência e participação, especialmente em situações coletivas. Kou *et al*. (2024) identificaram resultados favoráveis de determinadas modalidades de atividade física sobre indicadores de sociabilidade e comunicação de crianças e adolescentes autistas. Contudo, os registros do presente estudo possuem natureza observacional e não permitem estabelecer relações causais entre as atividades desenvolvidas e as mudanças relatadas.

ISSN: 2358-8829

A ludicidade e a mediação dos estudantes e voluntários constituíram elementos importantes para a organização de experiências inclusivas, possibilitando a adaptação de recursos, o respeito ao ritmo individual e a valorização da cooperação. Qi *et al.* (2024), em metanálise sobre atividade física e comunicação social no TEA, identificaram resultados favoráveis em diferentes intervenções, embora ressaltem a necessidade de aprofundamento das evidências. Dessa maneira, os resultados da pesquisa destacam as oportunidades de participação e convivência proporcionadas pelas atividades, sem pressupor efeitos terapêuticos não mensurados.

No acolhimento familiar, os relatos destacaram experiências de escuta, empatia, pertencimento e compartilhamento de dificuldades. A realização simultânea de atividades para as crianças e rodas de conversa para os cuidadores constituiu uma condição importante para a participação dos familiares, que puderam integrar os encontros enquanto seus filhos permaneciam acompanhados. Essa organização dialoga com Karst e Van Hecke (2012), que destacam a necessidade de considerar as demandas familiares no planejamento de intervenções, e com Ramalho, Rocha e Nascimento (2024), que discutem a importância de iniciativas voltadas ao bem-estar emocional dos cuidadores de crianças com TEA.

Os participantes também relataram a construção de vínculos com outras famílias e o estabelecimento de relações de ajuda para além dos encontros institucionais. Essas experiências aproximam-se das discussões de Lee *et al.* (2024), que identificam o apoio entre pais como uma possibilidade de compartilhamento de conhecimentos e suporte emocional. Hayes e Watson (2013) destacam que familiares de crianças autistas podem apresentar níveis elevados de estresse parental, reforçando a importância de espaços de apoio. Entretanto, como não foram utilizadas escalas validadas de sobrecarga emocional, os resultados permitem reconhecer percepções de acolhimento e fortalecimento de vínculos, mas não comprovar redução objetiva do estresse dos cuidadores.

A participação de estudantes dos cursos de Licenciatura em Educação Física e Licenciatura em Ciências Biológicas, juntamente com profissionais e voluntários, possibilitou experiências de planejamento, mediação e observação de práticas inclusivas. O contato com crianças e adolescentes com TEA e seus familiares favoreceu a reflexão sobre adaptações pedagógicas, acessibilidade e atuação interdisciplinar. Essas experiências dialogam com Andrion *et al*. (2021), que discutem a importância da Educação Física inclusiva, e com Lima *et al.* (2021), que ressaltam a necessidade de considerar diferentes dimensões do cuidado às crianças autistas.

ISSN: 2358-8829

Apesar dos resultados positivos, foram identificadas limitações relacionadas à frequência dos encontros, à disponibilidade de voluntários, à infraestrutura e aos recursos materiais. Além disso, a ausência de instrumentos padronizados e de acompanhamento longitudinal individualizado restringe a avaliação de mudanças no desenvolvimento das crianças e no bem-estar dos familiares. Os dados quantitativos também correspondem às ações integradas do GAM, não podendo ser atribuídos exclusivamente ao projeto de iniciação científica. Assim, os resultados evidenciam a relevância social da iniciativa e apontam a necessidade de fortalecimento institucional, ampliação das atividades e aprimoramento dos procedimentos de avaliação, contribuindo para a continuidade de práticas inclusivas que articulem movimento, acolhimento e participação comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu sistematizar uma experiência de integração entre práticas físicas, esportivas, lúdicas e recreativas adaptadas para crianças e adolescentes autistas e ações simultâneas de acolhimento destinadas a familiares cuidadores. Os registros indicaram oportunidades de participação, interação, convivência e expressão das crianças, bem como percepções de acolhimento, pertencimento e apoio mútuo entre familiares. A avaliação geral do GAM, com 23 respondentes, apresentou elevada satisfação e recomendação integral da iniciativa entre os participantes da pesquisa avaliativa.

O principal diferencial observado foi a organização simultânea das atividades, que buscou assegurar condições para que os cuidadores participassem dos encontros enquanto as crianças eram acompanhadas por estudantes e voluntários. Essa configuração articula inclusão e cuidado familiar em uma mesma experiência comunitária, aproximando a formação acadêmica das necessidades sociais concretas.

Os resultados não permitem afirmar efeitos causais sobre desenvolvimento motor, comunicação ou redução clínica da sobrecarga familiar. Recomenda-se, em estudos posteriores, o acompanhamento longitudinal, a documentação padronizada de participação e engajamento, a aplicação de instrumentos adequados às perguntas de pesquisa e o fortalecimento dos procedimentos éticos. Para a continuidade das ações, destacam-se a ampliação da equipe, da frequência dos encontros, dos recursos e da infraestrutura acessível.

Conclui-se que a experiência constitui uma estratégia comunitária promissora de inclusão e apoio familiar, cuja continuidade pode contribuir para fortalecer redes de convivência e práticas educativas mais sensíveis à diversidade. A institucionalização e a

ISSN: 2358-8829

articulação com políticas públicas devem considerar tanto as necessidades das pessoas autistas quanto as condições reais de participação de seus familiares cuidadores.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Roraima – Campus Boa Vista, ao PIBIC/CNPq e à PROPESPI/IFRR, à UPPARORAIMA, às famílias, às crianças e adolescentes, aos acadêmicos, profissionais e voluntários que contribuíram para a realização das atividades do Grupo de Ajuda Mútua: Cuidando de Quem Cuida.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR**. 5th ed., text revision. Washington, DC: American Psychiatric Association Publishing, 2022. Disponível em: https://membros.analysispsicologia.com.br/wp-content/uploads/2024/06/DSM-V.pdf. Acesso em: 16 mai. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 18 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. . Acesso em: 18 fev. 2025.

BREMER, Emily; CROZIER, Michael; LLOYD, Meghann. A systematic review of the behavioural outcomes following exercise interventions for children and youth with autism spectrum disorder. **Autism**, v. 20, n. 8, p. 899–915, 2016. DOI: https://doi.org/10.1177/1362361315616002.

CHRISTMANN, M., BARRETO, A. F., CARVALHO, F. A., & DA ROCHA, M. M.. Estresse, apoio social, crenças e práticas parentais de mães de crianças autistas. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, v. 9, n. 2, 2023. DOI: https://doi.org/10.31211/rpics.2023.9.2.308.

HAYES, Stephanie A.; WATSON, Shelley L. The impact of parenting stress: a meta-analysis of studies comparing the experience of parenting stress in parents of children with and without autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 43, p. 629–642, 2013. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-012-1604-y.

KARST, Jeffrey S.; VAN HECKE, Amy Vaughan. Parent and family impact of autism spectrum disorders: a review and proposed model for intervention evaluation. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 15, p. 247–277, 2012. DOI: https://doi.org/10.1007/s10567-012-0119-6.

KOU, R.; LI, Z; LI, M; ZHOU, R; ZHU, F; RUAN, W; ZHANG, J.. Comparative effectiveness of physical exercise interventions on sociability and communication in children and adolescents with autism: a systematic review and network meta-analysis. **BMC Psychology**, v. 12, artigo 712, 2024. DOI: https://doi.org/10.1186/s40359-024-02210-w.

LEE, J.D; TEROL, A.K; YOON, C.D; MEADAN, H. Parent-to-parent support among parents of children with autism: a review of the literature. **Autism**, v. 28, n. 2, p. 263–275, 2024. DOI: https://doi.org/10.1177/13623613221146444.

ISSN: 2358-8829

LIMA, C. M. de; ALMEIDA, A. M. de; SILVESTRE, G. C. S. B.; MOCHEUTI, K. N.; AGULHÓ, D. L. Z. Cuidados à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Revista Internacional de Apoyo a la Inclusión, Logopedia, Sociedad y Multiculturalidad**, v. 7, n. 2, p. 63–73, 2021. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7973674. Acesso em: 29 out. 2026.

MO, Shuliang; BU, Fan; BAO, Shujuan; YU, Zhou. Comparison of effects of interventions to promote the mental health of parents of children with autism: a systematic review and network meta-analysis. **Clinical Psychology Review**, v. 114, artigo 102508, dez. 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cpr.2024.102508. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39489145/. Acesso em: 29 out. 2026.

OLIVEIRA, Cristiane Pereira de; ANICETO, Alizane Ramalho de Sousa; LOURENÇO, Djany Ayslane da Silva; ANDRADE, Victor Miguel da Silva. Autismo-grupo de apoio: cuidando de quem cuida. **Fórum de Integração Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação Tecnológica do IFRR**, v. 10, n. 1, 2024. Disponível em: https://periodicos.ifrr.edu.br/index.php/anais_forint/article/view/1804/1348. Acesso em: 24 maio 2025.

PRYCHODCO, Robson Celestino; BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo. Desafios no cotidiano de famílias com crianças e adolescentes com transtorno do espectro do autismo. **Id on Line Revista de Psicologia**, v. 16, n. 63, p. 204–221, 2022. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3542. Acesso em: 24 maio 2025.

QI, K., WANG, X., XU, Q., HU, B., WANG, Z., & BIAŁAS, M.. Effect of physical activity on social communication impairments in children with autism spectrum disorder: a meta-analysis. **Heliyon**, v. 10, n. 20, e39053, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2024.e39053.

RAMALHO, Clarice Anunciação; ROCHA, Maria Lúcia Batista; NASCIMENTO, Vinícius Souza. Cuidando de quem cuida: uma revisão de literatura sobre cuidadores de crianças com TEA e saúde mental. **Revista FT**, v. 28, ed. 139, 31 out. 2024. DOI: https://doi.org/10.69849/revistaft/cl10202410311642.

ANDRION, Patricia Rossi; SANTOS, Sabrina Hermann dos; MUNSTER, Mey de Abreu van; COSTA, Maria da Piedade Resende da. Transtorno do espectro autista e Educação Física Escolar: revisão sistemática de literatura. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 22, n. 1, p. 175–194, 2021. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/11205. Acesso em: 25 maio 2025.